

O QUE É LITERATURA? REFLEXÕES SOBRE SEU PAPEL NA SOCIEDADE

Gean Carlos Souza Araujo Filho¹

Melk Andrade Costa²

Resumo: Este estudo investiga a função da literatura na sociedade contemporânea, explorando sua natureza cíclica e suas diversas funções sociais. Utilizando como ponto de partida a obra "Fahrenheit 451" de Ray Bradbury, examinamos como a literatura desafia as normas sociais, promove o pensamento crítico e reflete as preocupações e aspirações de uma determinada época. A análise revela um ciclo de retroalimentação, no qual a literatura influencia e é influenciada pelo contexto social em constante evolução. Destacamos também a liberdade criativa da literatura, que permite aos escritores explorar uma variedade de temas e ideias sem restrições externas. Por fim, a pesquisa enfatiza a importância da literatura como uma expressão da humanidade, capaz de inspirar, enriquecer e transformar as pessoas e a sociedade como um todo.

Palavras-chave: Literatura. Função literária. Figuras de linguagem.

1. INTRODUÇÃO

O mundo quer ser enganado, logo que o seja.

A questão "O que é literatura?" ressoa como um enigma complexo, pois não há um consenso absoluto, apenas uma multiplicidade de propostas que contribuem para sua definição, muitas das quais sujeitas a refutações. Talvez a resposta possa ser encontrada na própria interrogação, refletindo o símbolo do infinito ou do ouroboros, em uma busca incessante voltada para o interior, em um ciclo eterno de reinício.

A definição e a função da literatura têm sido temas de debate e reflexão ao longo dos séculos. Em um mundo onde as palavras têm o poder de moldar mentes e sociedades, compreender o papel da literatura torna-se essencial.

¹ Graduado em Letras, Português e Inglês pela Universidade federal do Agreste de Pernambuco. Pós-graduando em Linguística Aplicada ao ensino de línguas e em Tutoria em Educação a Distância pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Professor de língua inglesa no ensino fundamental pelo município de São João, Pernambuco. E-mail: gean19@gmail.com

² Mestrando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Graduado em Letras, Português e Inglês pela Universidade federal do Agreste de Pernambuco e em Pedagogia pela Universidade Cruzeiro do Sul. Pós-graduado em Tutoria em Educação a Distância pela Faculdade de Educação São Luís. Pós-graduando em Linguística Aplicada ao ensino de línguas Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Bolsista pelo programa de bolsas da Capes/CNPq. E-mail: melkandrade@hotmail.com.

Neste artigo, exploramos perspectivas teóricas e obras literárias para investigar o significado da literatura e sua importância na compreensão e transformação da sociedade. Dessa forma, temos como propósito explorar a função da literatura e sua relevância no mundo atual, partindo de uma indagação fundamental: o que é literatura? Buscaremos, portanto, articular a ideia central por trás dessa questão, ou ao menos nos aproximar dela.

Por fim, destacamos o papel fundamental da literatura como uma ferramenta para transmitir conhecimento e provocar reflexão. Ao analisarmos a relação entre autor, obra e leitor, reconhecemos o poder transformador da literatura na compreensão do mundo e na construção de narrativas que moldam nossa visão da realidade.

Ao mergulharmos na análise, abordamos conceitos como mimese, catarse, metáfora e metonímia, buscando compreender como esses elementos contribuem para a essência da literatura. Utilizando obras emblemáticas como "Fahrenheit 451", de Ray Bradbury (2003), e "O livro de areia", de Jorge Luis Borges (1999), examinamos como a literatura reflete e influencia os valores, ideologias e desafios de sua época. Este artigo propõe-se a contribuir para o entendimento da importância da literatura não apenas como forma de entretenimento, mas como uma força motriz capaz de influenciar a sociedade.

2. MÉTODOS

Para a realização deste estudo, adotamos uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise na revisão bibliográfica. Inicialmente, selecionamos obras literárias e textos teóricos relevantes que abordassem o tema da literatura e sua função na sociedade. A escolha dessas obras baseou-se em sua representatividade no campo literário e acadêmico. Em seguida, procedemos à leitura das obras selecionadas, destacando trechos e conceitos relevantes para nossa análise.

A interpretação dos dados obtidos foi realizada de forma reflexiva, buscando compreender as múltiplas dimensões do papel da literatura na sociedade e sua influência na formação de identidades individuais e coletivas. Por fim, consolidamos nossas análises e reflexões neste artigo, apresentando uma síntese dos principais pontos discutidos e suas implicações para o

entendimento da literatura como uma força transformadora e reflexiva na contemporaneidade.

3. O QUE É A LITERATURA?

Poderíamos conceituar de forma mais genérica que a Literatura é a forma que o homem encontrou de utilizar-se da linguagem para imitar a realidade, transformando-a e modificando-a. É a partir dela que o indivíduo pode identificar-se com outros, vivendo outras realidades, permitindo viver outros papéis por alguns instantes, sob outros pontos de vista; ao cumprir este papel, a literatura mostra à sociedade quem ela é, situando o indivíduo ao meio em que ele vive. No entanto, torna-se necessária a compreensão mais aprofundada, ainda que se saiba que a literatura não tem a pretensão de autoexplicar-se. No fim, esse conceito é genérico, e não diz coisa alguma.

Quando nos voltamos à função da literatura, podemos pensar em sua importância. Por exemplo, no romance distópico "Fahrenheit 451", de Ray Bradbury (2003), os leitores são transportados para um futuro sombrio, onde os livros são proibidos e o pensamento crítico é suprimido. A narrativa acompanha um bombeiro incumbido de encontrar e queimar livros, em colaboração com um governo censor e uma sociedade que aplaude a perda de obras literárias consideradas canônicas e importantes. Através da jornada desse bombeiro em busca de libertação ideológica, o romance revela o poder transformador da literatura e do conhecimento na vida dos indivíduos. Trata-se de uma obra que critica a sociedade contemporânea e sua tendência de negligenciar a importância da literatura e da prática da leitura.

Conforme nos mostra Gustavo Bernardo (1999): "O conceito, qualquer conceito, é uma ficção. Não existe enquanto coisa, mas existe enquanto condição *sine qua non* para se lidar com as coisas". Ele explica, em seu texto, que ao tentar conceituar literatura, tem que se entendê-la como uma ficção, mas uma ficção necessária, ou a literatura como "um conjunto de ficções" sendo a literatura reconhecida como ficção nela mesma. Então, continua em seu texto, que o conceito de literatura faz uma circularidade, voltando-se para si mesma, num infinito perfeito.

É, portanto, a partir desse "não-conceito", sobre ficção e literatura, que chegamos à mimese. Ora, a mimese poderia ser entendida como a imitação da vida como ela é, sendo um tipo de espelho que reflete a realidade, através da ficção. Se a literatura é, segundo Gustavo Bernardo (1999), para ser entendida como uma ficção, uma ficção necessária, seria então a mimese um meio pelo qual a literatura atua; ao fazer do escritor um homem que copia a realidade que vive, ou que quer viver, fantasiando-a.

Então, seguindo-se a lógica natural, que conseguimos ligar a mimese a catarse. Se, conforme dito acima, a mimese reflete a realidade, é a catarse que faz com que o leitor do texto literário sintam-se representado, permitindo a identificação do leitor com o texto lido, e deixando-se tocar por ele. Gustavo Bernardo (1999) exemplifica bem quando diz: "Ao sairmos do teatro (ou do cinema, ou das páginas do livro), retomamos a nossa própria identidade - mas enriquecida pela experiência ficcional, que nos ajuda a conviver com as nossas dores, e com os nossos dramas".

É essa suspensão que faz com que o texto literário traga aspectos como suspensão da crença e da descrença em seus textos. Ora, a suspensão da crença concede à catarse a possibilidade de fazer com que crescamos pela experiência ficcional, é porque a literatura faz com que o cotidiano se torne sacro, santificado, pelas experiências ali trazidas. Da mesma forma, a suspensão da descrença, faz embarcar em uma realidade, às vezes impossível, como se possível e verídica fosse. Tais movimentos são feitos em caráter temporário, uma vez que caso contrário, conforme explica Gustavo Bernard (1999): "se suspendêssemos a descrença para sempre, entraríamos na tela do filme para não sair nunca mais".

Seria então a literatura como "uma metáfora para a realidade"? Tendo em vista que os conceitos de literatura, ficção, mimese e catarse estão correlatos? Talvez. Até porque, se analisarmos o significado de metáfora como figura de linguagem que conhecemos, poderíamos entendê-la como espécie de comparação implícita ou do termo explícito no contexto da situação. Então, se é uma comparação, podemos entender que a literatura seria at comparação dessas realidades. Mas então chegaríamos a outro questionamento: seria então uma metáfora ou uma metonímia? Ou os dois?

Na metonímia, troca-se um termo da frase por outro, similar aquele, fazendo com que a comunicação se torne mais atrativa e de fácil compreensão, mas não só isso: "(A metonímia) tem uma função importante como recurso estilístico ou estético, porque se presta a destacar aquilo que num determinado contexto é essencial no conceito designado" (Pinto, 2009). essa troca é possível porque há uma relação entre as palavras trocadas, existindo sentido similar entre ambas. Diferente da metáfora que trocado termos, em uma comparação implícita, trazendo uma relação entre os significados que não existe, mas que pode ser compreendida.

É curioso, para se dizer o mínimo, que esses conceitos se voltam todos para si, na circularidade dita por Gustavo Bernardo (1999). Uma vez que conceitos como catarse, ficção, mimese, metáfora e metonímia parecem se conectar e, com isso, conseguem formar um conceito, mesmo que de forma vaga, sobre o que seria literatura. Porém, ainda assim não englobaria todo o sentido da existência da literatura. É preciso que existe um meio para aparar ainda mais a literatura.

Com isso, têm-se que a economia de meios é o meio pelo qual o literário precisa podar sua criação, através de mecanismos, inclusive os linguísticos, a fim de deixá-la mais concisa, com o que se quer dizer, da maneira como quer dizer. Até porque, como qualquer criador de conteúdo ou arte, ou o que seja, na esfera que for, é necessário ao criador criar mecanismos para deixar a obra, à sua visão, perfeita. É o corte certo, a economia de palavras, a edição correta, para deixar a sua obra conforme visualizou, num primeiro momento.

Terry Eagleton (1985) ainda complementa ao falar sobre a definição de literatura como uma "escrita imaginativa", afirmando que esta definição é questionável, já que existem inúmeras formas de ficção que não são consideradas como obras literárias, pois não há como afirmar que são realmente fictícias. O texto literário possui uma forma própria de linguagem, que chama atenção para si mesma, exibindo assim a sua qualidade material. Terry afirma que: "A literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana".

Porém, ainda assim não se tem um conceito de literatura. Gustavo Bernardo (1999) então surge com a ideia de que existem duas hipóteses para

a constituição do conceito: a nominalista e a realista. Enquanto a nominalista traz um marco para o termo "literatura", a realista vai contra esse marco, defendendo que a literatura existe antes mesmo de se entender-se como "literatura", uma vez que ela é sem precisar ser. As duas hipóteses não conseguem explicar o todo que envolve o conceito. Uma vez que para a hipótese nominalista, apesar de "criarem" um conceito, e concebê-lo como sendo o marco, eles reciclam esse conceito de outros que vieram antes; já a hipótese realista não considera as mudanças históricas que vieram com o termo, mas atualizam seu conceito, para se adequar a seu pensamento.

Citado por Eagleton (1985), o movimento do formalismo trouxe uma nova visão sobre a literatura baseada na sensação de estranhamento que um texto literário proporciona. Segundo ele, esta sensação de estranhamento era considerada pelos formalistas como uma espécie de "violência linguística" que acontecia através dos desvios da norma. Esta sensação também acontece por outras características do texto literário, tais como o uso da métrica, sons e imagens que tornavam a experiência única, além da discordância entre significantes e significados, como nas frases: "O verão declinava e compreendi que o livro era monstruoso. De nada me serviu considerar que monstruoso era eu, [...]" "[...] Prisioneiro do livro, quase não saía à rua. [...]", extraídas do conto "O livro de areia" de Jorge Luiz Borges (1999).

Uma outra variante é mostrada no aspecto local, onde expressões estrangeiras estranhas a uma determinada região são utilizadas para provocar esta sensação, proporcionando a sensação de desfamiliarização da linguagem. No entanto, o próprio Eagleton (1985), observa que existem formas desfamiliarizadas de expressões que não são consideradas literárias, tais como a gíria. Uma das conclusões mais pontuadas de Eagleton (1985) é a definição da literatura através do questionamento "daquilo que as pessoas fazem com a escrita, como aquilo que a escrita faz às pessoas". De fato, isso traz à tona um pensamento mais subjetivo e singular, dando origem ao conceito do que se lê e de como se lê.

Porém, dentre tantas formas de creditar uma obra como literária, esbarramos no conceito de cânone literário abordado por Eagleton (1985). De fato, a alta cúpula da sociedade, através de seus valores, de seu senso de

refinamento, irá ditar se uma obra é ou não literária através dos seus crivos culturais, numa determinada época. Porém, não é porque essa parcela da sociedade afirma que algo é literário, ou não, que de fato é. Pensemos, por exemplo, em inúmeros livros que foram ditos como "não-literários" em sua época de lançamento, e tempos depois foram descobertos (ou redescobertos), em uma valorização de sua qualidade literária.

Após todos estes apontamentos, percebemos a necessidade de entender o conceito através do sentimento de recepção e leitura de uma obra e dos sentimentos provocados por ela. No conto "O livro de areia", de Jorge Luiz Borges (1999), vemos como a recepção do livro se dá, trazendo em seguida uma verdadeira mistura de sentimentos que surgem pela curiosidade, dando vez à contemplação, trazendo a provocação, a inquietação, a reflexão, etc. Além disso, percebe-se a modificação do sentido do texto conforme o modo como se lê; percebe-se como a literatura se atualiza, como ela se reinventa, como ela traz sentimentos que irão do confortável ao desconfortável através da sua leitura. A literatura carrega em si o poder de trazer novas perspectivas, além de modificá-las ao trazer novos pontos de vista.

Dentro da produção da literatura, respeita-se muito a sua forma escrita, a valorizando e a ressignificando, criando e recriando o modo como se expõe o texto através de modificações estéticas. A linguagem é comumente empregada dentro dos desvios da norma padrão entanto, este não é um ponto crucial para a definição de leitura. Ao tentar mimetizar a realidade, ela afasta-se do conceito literal da ficção, trazendo-nos aspectos mais profundos da vivência humana; ao mimetizar a realidade, acontece o processo de identificação. Uma das condições é a provocação, o sentimento de catarse, além do aspecto lúdico, que provoca experiências das mais variadas e intensas no leitor, lembrando-nos do conceito tríplice de autor/obra/leitor, deste cuidado com as experiências relatadas, dos sentimentos universais, além desta relação em diferentes contextos, como tempo, ambientação, ideologia, momento político.

Assim, Gustavo Bernardo (1999), quando se pergunta para que serve a literatura, é responde: "de fato, para nada". Porém, a própria literatura já entendeu como a sociedade viveria sem tê-la, ao criar uma fantasia distópica,

Fahrenheit 451, de Ray Bradbury (2003), para ilustrar os perigos de um mundo sem a literatura, e a leitura. A literatura é base para as mudanças do mundo; é com ela que podemos verificar as mudanças, costumes e ideias de uma sociedade, e é por ela que mostraremos às gerações futuras como a sociedade atual vivia e a entendia.

4. ÚLTIMAS PALAVRAS

Ao longo deste artigo, exploramos a complexa questão sobre o significado e a utilidade da literatura, inspirados pela indagação central: o que é literatura? Através da análise do romance "Fahrenheit 451" de Ray Bradbury (2003), pudemos vislumbrar como a literatura é fundamental para questionar as estruturas sociais, despertar o pensamento crítico e promover a transformação individual e coletiva. A função da literatura pode ser entendida como cíclica, caracterizada por um movimento de retroalimentação, no qual suas funções sociais se entrelaçam em um ciclo contínuo, sem compromissos fixos. A literatura, ao mesmo tempo em que reflete e influencia a sociedade, também é moldada por ela, em um processo dinâmico de interação.

Por um lado, a literatura desafia as normas e valores estabelecidos, questionando o status quo e promovendo a reflexão crítica sobre questões sociais, políticas e culturais. Ela atua como uma voz dissonante, capaz de amplificar vozes marginalizadas e provocar mudanças sociais. Por outro lado, a literatura é influenciada pelo contexto em que é produzida, refletindo as preocupações e aspirações de uma determinada época. Ela absorve e reinterpreta as experiências coletivas, traduzindo as complexidades da condição humana em narrativas envolventes.

No entanto, é importante ressaltar que a literatura não está vinculada a compromissos específicos ou agendas predefinidas. Ela opera em um espaço de liberdade criativa, onde os escritores exploram temas e ideias de forma independente, sem restrições externas. Essa liberdade permite que a literatura desempenhe um papel diversificado e multifacetado na sociedade, abordando uma ampla gama de questões e perspectivas.

Por fim, parafraseando a fala da artista Inês Brasil: "Se a Literatura existe, por que ela existe? Porque Graças a Deus ela existe." Essa afirmação

encapsula a essência da literatura como uma expressão da humanidade, uma fonte de inspiração e enriquecimento que transcende fronteiras e gerações.

REFERÊNCIAS:

BERNARDO, Gustavo. Conceito de literatura. In: JOBIM, José Luís (Org.). **Introdução aos termos literários**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999, p.135 - 169.

BORGES, J.L. O livro de areia. In: **Obras completas de Jorge**. vol. 3. São Paulo: Globo, 1999.

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**: a temperatura na qual o papel do livro pega fogo e queima. São Paulo: Globo, 2003.

EAGLETON, Terry. O que é literatura? In BORGES, Luis. **Teoria da literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes; 1985, p. 01 - 24.

PINTO, Regina Silva. Metonímia. In: CEIA, Carlos (Org.). **E-Dicionário de Termos Literários**. 2009. Disponível em: <http://edtl.fesh.unl.pt/encyclopedia/metonimia/>. Acesso em 12 de outubro de 2023.